



Evento	Salão UFRGS 2013: IX SALÃO DE ENSINO
Ano	2013
Local	Porto Alegre - RS
Título	Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental: uma estratégia pedagógica aplicada na diferente maneira de “ser escola”.
Autor	PAULA SOARES FRANCISCO
Orientador	ELISANDRO SCHULTZ WITTIZORECKI

INTRODUÇÃO

Este trabalho relata a experiência vivida no Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental em 2013/1. Esta disciplina é obrigatória no percurso de formação do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e objetiva oportunizar aos estudantes a efetiva experiência de planejamento e de docência em Educação Física junto a crianças e jovens matriculados no Ensino Fundamental e discutir a atuação docente do professor de Educação Física nesta etapa de ensino. Nesse sentido, a singularidade que apresento neste relato reside no fato de que as experiências vividas neste estágio contrastavam substancialmente com a docência realizada pela autora em outro contexto escolar.

O Estágio de Docência em Educação Física no Ensino Fundamental foi realizado com uma turma de 3º ano de uma escola estadual da cidade de Porto Alegre, localizada no bairro Cel. Aparício Borges (na região Partenon). Trata-se de uma escola de grande porte e que atende uma comunidade de cerca de 15.000 habitantes, cujo rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 4,9 salários mínimos¹. É importante destacar que a escola situa-se em um bairro com características residenciais e militares, já que acolhe a Academia de Polícia Militar, o Regimento Bento Gonçalves e outras dependências da Brigada Militar, além da Penitenciária Estadual.

CHEGADA À ESCOLA

No primeiro dia de contato com o ambiente escolar em que estaríamos atuando nos próximos meses, como estagiários, tivemos uma breve reunião na entrada da escola, com o professor orientador. Logo fomos conhecer o ambiente escolar, apresentado pela supervisora pedagógica da escola. Percebi que a escola tinha três quadras com demarcações de vários esportes, muitas salas de aulas e uma grande área de concreto, que facilmente pode-se dividir em dois espaços possíveis para uso das aulas de educação física.

A escola tem uma estrutura antiga, apresentando algumas paredes desbotadas. Surpreendi-me com o fato de não ser colorida, talvez pela inserção da escola em um ambiente cercado de instituições militares. Em relação à comunidade escolar, a supervisora comunicou-nos que teríamos que ter certa atenção com as famílias, por ser uma comunidade com seus costumes e culturas bastante específicos e marcantes. Dentre os materiais, percebi que haviam muitas cordas, cones, bastões, colchonetes. Como a escola possui bastante espaço para o desenvolvimento de aulas de educação física no pátio, não fiquei preocupada com o fato de haver dois estagiários e duas docentes atuando ao mesmo tempo. A supervisora ainda sensibilizou para o fato de que o público da escola é mais carente e que, de modo geral, não possuem muitas condições. Falou, também, sobre a sexualidade aflorada dos alunos já em anos iniciais.

Fiz duas observações a fim de conhecer melhor o ambiente da turma 312. Fui bem recepcionada. Sentei a frente da professora de sala. Achei a sala pequena, em vista da quantidade de alunos, totalizando trinta. Logo quando cheguei alguns alunos perguntaram se iamos para o pátio, fazendo com que eu me aproximasse mais deles para um diálogo. Mostraram-me os trabalhos e até ganhei algumas cartinhas e desenhos, mostrando-se bem atenciosos com a nova professora. Percebi que o fato de possuírem duas professoras já era algo normal em suas rotinas escolares.

No segundo dia de observação, relembrei meu nome e todos os alunos falaram os seus. A professora regente da classe falou-me que teria que manter cuidado constante com um estudante, pois ele possui anemia falciforme. Logo tratei de pesquisar sobre a doença. Ela também disse-me que teria que ter sempre um tom de voz alto e ser firme com eles, pois eram bem difíceis. Falei com a turma alguns minutos, que teríamos outros “esportes” e atividades além do futebol. A turma, nos pedidos de futebol e receio das meninas com esse esporte, passou-me que aquilo era um hábito nas aulas de Educação física que eles tinham com a professora regente. Pensei somente, na hora, em construir uma prática pedagógica diferente dessa representação que eles haviam construído acerca da Educação Física. Esse seria mais um objetivo durante as aulas a serem desenvolvidas no estágio durante o semestre.

RELATO DA METODOLOGIA

Com o início da docência e através das observações da turma em aula com a professora regente pude apreender algumas situações singulares da escola, da turma e dos alunos. A estrutura física, o modo de gestão e a localização sociogeográfica me permitiram visualizar outro contexto, diferente daquele que vivencio na condição de bolsista do PIBID² e, portanto, vislumbrar diferentes maneiras de “ser escola”. Assim, para a construção deste relato utilizei meu diário de campo – onde registrava as impressões pessoais acerca do ambiente escolar, da

¹ De acordo com dados do Observatório da Cidade de Porto Alegre. Disponível em <http://portoalegremanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=106.0.0> Acesso em 12 de julho de 2013.

² Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

turma, dos alunos e de minha própria docência – e o plano de trabalho construído no início do semestre. A docência no estágio supervisionado ocorreu de 12 de março a 04 de julho de 2013, com encontros que aconteciam duas vezes por semana na escola.

Uma das tarefas do estágio de docência era produzir um trabalho, a guisa de síntese de sua construção como professor, onde o estagiário elege-se e discute em profundidade um tema ou experiência significativa, vivido em nossa docência. Em outras palavras, nosso desafio era elaborar um texto que articulasse e uma profunda reflexão teórica a partir de uma experiência e/ou problema selecionados desde nossas práticas pedagógicas. Nessa perspectiva, me inquietei com a situação de que alguns estudantes, na maioria meninas, apresentavam pouca apreciação pelas práticas corporais, mostrando desinteresse pela participação nas aulas. Isso me levou as seguintes indagações: a efetiva participação nas aulas não acolhia todos os alunos desta turma pelo modo de planejamento das aulas de Educação física que lhes era oferecido anteriormente (“futebol para meninos, corda para meninas”) ou não haviam momentos motivadores e desafiantes que fizessem os alunos sentirem-se parte da aula?

Deste modo, o objetivo deste relato de experiência é apresentar as estratégias pedagógicas que utilizei durante o Estágio de Docência no Ensino Fundamental, a fim de incrementar os laços/vínculos com os estudantes e com isso, criar condições para potencializar a participação destes nas aulas de Educação Física e o gosto pelas práticas corporais.

SÍNTESE DOS RESULTADOS

As reflexões advindas desse processo me levaram a entender a particularidade daquele ambiente escolar e adotar estratégias para a turma que ministrava aulas. Face à problematização apresentada anteriormente, a necessidade de participação nas aulas de Educação Física por todos alunos, em momentos de aprendizagens e desenvolvimento, decidi usar como estratégia os Jogos (D'ANGELO, JUNIOR, JUNIOR, 2009; LEONARDO, SCAGLIA, REVERDITO, 2009; SILVA, 2008), a fim de tentar modificar essa situação.

Planejados de tal forma que todos os alunos estejam ativamente participando de práticas corporais, os jogos possibilitam aprendizagens e interação entre os sujeitos. Adequiei os jogos usados em minhas aulas com as necessidades e estágios dos alunos para que essas se constituíssem em momentos de engajamento e aprendizagem, minimizando os episódios de afastamento dos alunos das práticas corporais. Com isso, procurei fazer com que as atividades fossem atraentes a todos e que mobilizassem o desejo de participar de tais momentos.

À medida que comecei a usar os jogos como estratégia, os alunos foram participando mais das aulas de Educação Física e as evasões foram diminuindo. Essa mudança deu-se ao longo do período de estágio, pois necessitei consolidar o vínculo com os estudantes para entender melhor o porquê de eles desistirem e se desmotivarem com a prática. A partir disso, os alunos tiveram mais oportunidade para falar, para opinar e para verbalizar suas dificuldades e impossibilidades. Esse laço e a relação de confiança, construídos, possibilitaram aos alunos emitirem seus pareceres sobre os jogos, sobre sua atuação e a dos colegas, abrindo espaço, portanto, para uma reflexão coletiva que viabilizou um amadurecimento do grupo.

Exemplo disso foram as reclamações de insucesso dos colegas com menos habilidades, que abordávamos nas nossas conversas ao término das aulas. Do ponto de vista motor, isso ocorria porque alguns alunos estavam em um estágio mais avançado de desenvolvimento, ao passo que outros ainda estavam construindo determinadas habilidades. Do ponto de vista atitudinal, os conflitos e tensões geradas a partir destas incongruências geraram espaços de diálogo e reflexão em que a mensagem desta docente era que todos os alunos poderiam e tentariam participar das aulas, sem a cobrança de alta performance nos gestos propostos. Tentei fazer com que eles, independente do erro ou acerto, sentissem vontade de aprender. Isso resultou em conversas que os alunos tinham, em que diziam uns para os outros “*não custa nada tentar*”. Um dos argumentos que utilizei para mobilizar os estudantes era de que a professora para estar ali dando aula para eles, também já tinha passado por dificuldades parecidas e precisou também aprender, mas para isso, tentar seria algo fundamental a se fazer.

Poucos foram os alunos, já com certo tempo de estágio, que se sentavam durante as atividades – fato corriqueiro quando do início da docência. Já ao final do estágio, os poucos episódios de afastamento de alunos das práticas propostas ocorriam, preponderantemente, pelo fato dos alunos quererem chamar minha atenção, pois logo que eu estabelecia um diálogo acolhedor e sensível com eles para saber o motivo da desistência, voltavam após um acerto com os envolvidos na situação.

CONCLUSÕES E APRENDIZAGENS

Durante o Estágio de Docência no Ensino Fundamental me pus a comparar, em diversas vezes, a experiência docente com outra escola na qual sou bolsista. Como as condições das escolas são quase inversas, do ponto de vista da condição socioeconômica que envolve a comunidade do entorno, deparei-me com alunos diferentes, relações distintas e, portanto, aulas díspares. Os problemas, as situações, os laços afetivos e as

relações foram bem diferenciadas, fazendo com que eu estivesse vivenciando duas condições de docência absolutamente contrastantes. Evidentemente, tal variedade e complexidade de contextos, certamente se apresentarão para futuros professores em um futuro não muito distante. Nesse sentido, é fundamental exercitar a reflexão acerca do cotidiano docente, aguçar o senso de observação e exercitar práticas pedagógicas que privilegiem o diálogo e o convite à aprendizagem.

A estratégia a ser adotada quando se tem uma situação desafiante nas aulas deve ser definida a partir do contexto da turma e dos perfis dos alunos. Segundo as necessidades que percebi que a turma tinha que desenvolver, realizei planejamento para tal. Senti-me desafiada para mobilizar que todos os alunos se entregassem a vivência das práticas corporais.

Pude aprender que as aulas merecem ser interessantes, desafiadoras e prazerosas, fazendo com que os alunos se sintam parte destas, atraídos e desejosos a realizarem a prática. Dessa forma, teremos aulas de Educação Física prazerosas e que permitam aprendizagens significativas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

D'ANGELO, F.; JUNIOR, A. J. R.; JUNIOR, A. A.; ET AL. **Jogos Educativos: estrutura e organização da prática**. São Paulo: Ed. Phorte, 2009. 96p.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, abr./jun. 2009.

OBSERVA POA: Observatório da Cidade de Porto Alegre. Porto Alegre em Análise: sistema de gestão e análise de indicadores. Prefeitura Municipal de Porto Alegre e IBGE- Censo 2000. Disponível em: <<http://portoalegreemanalise.procempa.com.br/?modulo=regioes&p=106,0,0>> Acesso em 12 de julho de 2013.

SILVA, A. N. Jogos, Brinquedos e Brincadeiras. Lisboa. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, *Mundos Sociais: Saberes e Práticas*, 6., 2008, Lisboa.